

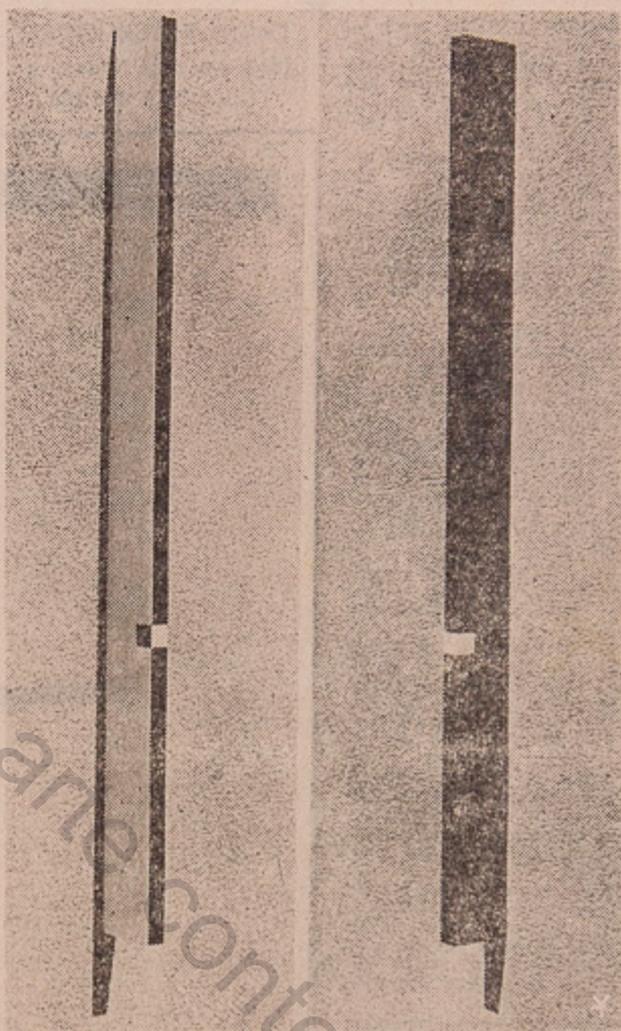
UMA NOVA OBRA

CONVENCIONAMOS chamar de quadro a um objeto de arte em cujas dimensões físicas há um predomínio da largura e da altura (superfície frontal) em relação à profundidade (espessura lateral) ordinariamente desprezada. Na série de novos trabalhos e principalmente na sua "pintura 1959/60", Willys de Castro consegue, diminuindo a largura e aumentando a profundidade, realizar um original objeto de arte com características inteiramente novas. Com isso, o quadro, que normalmente é observado ou reproduzido para a contemplação passiva, passa a exigir do espectador um percurso lado-frente-lado para que se possam coligir os dados necessários à apreensão da mensagem ali contida. Essa informação parcelada obriga ao observador uma movimentação ativa, não só dos olhos mas de si mesmo. O interesse em apreender o quadro agora cresce diretamente com o aumento da utilização da superfície do objeto.

Na realidade, o maior interesse do quadro se encontra mais nos seus lados do que na sua frente e esta, não desprezada por completo, continua parcialmente a nos fornecer também dados. De fato, quando abordamos a peça (por exemplo, do lado esquerdo, inicialmente) observamos uma superfície retangular branca que contém um quadrado preto disposto em um determinado ponto, junto à aresta, ao lado de um quadrado branco, surgido no espaço formado por dois campos na superfície frontal. Seria como se o plano frontal preto do quadro sofresse um seccionamento e com um movimento angular de 90 graus, através do interior do objeto, tivesse atingido a face lateral esquerda, originariamente toda branca. Nesse ponto percebemos as fases de um acontecimento e, como tal, de natureza temporária, donde surgem dados para a sua demonstração. Não podemos considerar isso como sendo um simples positivo-negativo pois se refundirmos as partes do seu todo sempre há uma que não encontra correspondência unívoca com o oposto. Esta instabilidade confere à obra uma enorme inquietude dinâmica.

Então notamos (sem o lado direito ainda visível) o aparecimento de partes de um pequeno cubo, pois a sua superfície pintada em cores contrastantes nos fornece duas faces delimitadas (por desenho) no virtual mas dimensionadas (as duas superfícies ortogonais e a aresta divisória) no real. O quadro, quando observado somente de sua face frontal, nos mostra duas superfícies retangulares alongadas a comprimir um quadrado entre elas. Esta figura seria formada pelo contraste das cores (no desenho) e pela superfície entre as arestas laterais.

Ao passarmos ao seu lado direito veríamos uma superfície em preto maior do que a superfície branca lateral esquerda pois teríamos a soma da frontal com a lateral direita. Nessa superfície aumentada teríamos inseridos dois planos espacialmente ortogonais que nos forneceriam mais alguns dados para aproximar ao real. Nesse ponto a sensação de independência do «cubo» formado é tão grande que parece estar colocado em relevo sobre um plano infinito, necessitando de introduzirmos a dimensão do tempo para captarmos completamente o objeto. Então, constatamos que o simples fato de estarmos de um lado ao outro do objeto para termos sua visão inteira já vem enormemente enriquecê-



Willys de Castro — "pintura 1959/60" — óleo sobre madeira, 92 x 2,2 x 6,8 cm

lo. A opacidade natural pouco a pouco vai cedendo lugar a uma «transparência» obtida à medida que o observador entra em contacto com a peça. Nossa memória da face oculta sempre recobra dados que faltam ao lado em exame e a impossibilidade de percebermos diretamente, desdobradas, as três faces ao mesmo tempo, não obriga sempre a reconstituir mentalmente uma delas. Isso provoca em nós a sensação de estarmos diante de uma obra viva, de um organismo. O trabalho progressivo de Willys de Castro tem estreita relação com as novas pesquisas no campo da arte concreta que superam o racionalismo na obra de arte e traz consigo um sentido mais orgânico ou melhor, mais organismico do objeto de arte.

Para que o objeto, mesmo embora parcialmente, se renda à nossa perscrutação visual e mental necessita de ser abordado diretamente. A vivência conseguida ao abordar a obra só é obtida a partir dela e somente dela. Assim também os relevos e «bichos» de Lygia Clark, os desenhos de Hércules Barsotti, nos novos poemas «não objeto» de Ferreira Gullar, assim como outras obras de jovens artistas, se inauguram como uma nova contribuição no campo da arte concreta. Tais trabalhos são bem diferentes do que no Brasil e no mundo padronizou-se chamar de arte concreta pois cada vez se distancia de sua origem no sentido de criar efetivamente uma nova arte. Infelizmente a arte concreta no Brasil é quase ignorada pela crítica (com poucas exceções); estamos ainda em

uma época que arte brasileira só pode ser arte de assunto brasileiro. É curioso porém como a nossa arquitetura está ampliando campo sem necessidade de reproduzir ocas indígenas. A arte concreta (quando a mencionamos e em um sentido geral) é fenômeno único na arte brasileira que independente de seus fundadores, sempre seria uma realidade útil ao lado de nossa arquitetura.

Está, portanto, seguindo para Zurique para a Exposição Internacional de Arte Concreta, uma representação brasileira de arte brasileira. Essa mostra, sem prêmios, sem proteções, é feita somente com a finalidade precípua de mostrar, numa sequência histórica e em plano mundial, o mais fascinante fenômeno artístico de nossos últimos tempos.

EXPOSIÇÕES

MOSINHA E J. ALVARO GUERRA — pinturas, na Galeria Antigonovo (rua Basílio da Gama, 86).

ELENBAAS — gravura, na Galeria Sístina (rua Augusta, 1791).

MATHIEU E LIVROS ILUSTRADOS — No Museu de Arte Moderna (pavilhão Armando de Arruda Pereira, no parque Ibirapuera).

CASSIO MBOY — pinturas, na Galeria de Arte São Luis (rua São Luis, 130).

CALDER — mobles, stables e guaches na Galeria Ambiente (rua Martins Fontes, 205).

LIVROS DE ARTE ALEMAES E REPRODUÇÕES — no Museu de Arte de São Paulo (rua Sete de Abril, 230).